“Eu te bato porque te amo” – sobre a violência contra a mulher

Renata Viola Vives¹

Resumo: A pandemia que nos assola denunciou algo há muito conhecido: a violência de gênero. Nos vimos diante do aumento do número de casos de violência contra a mulher, inclusive com muitos casos de feminicídio. Essa violência não é só resultado dos aspectos sadomasoquistas, mas da junção de fatores intrapsíquicos, transgeracionais, culturais e sociais. Através de um relato clínico de uma paciente que viveu uma situação de violência, e apoiados na teoria psicanalítica contemporânea, procuramos compreender esses fenômenos cada vez mais comuns em nossa sociedade.

Palavras-chave: Feminicídio. Pandemia. Psicanálise. Violência contra a mulher.

Lúcia procura análise em meio à pandemia. No telefone, diz que se sente muito ansiosa tanto pelo momento atual, pois está trabalhando de casa e viu suas atividades diminuírem pela pandemia, quanto pelo término de um relacionamento de mais de dois anos, o que a fez voltar para a casa dos pais.

Na primeira sessão, já por vídeo, mostra-se mais ansiosa do que no primeiro contato. Fala todo o tempo, parece não conseguir respirar. Relata que conseguiu sair da casa do namorado depois de ser impedida, ter ficado em cárcere privado e de ter sido agredida fisicamente por ele. Com a pandemia, estava há alguns dias na casa de Carlos, apesar de ter seu apartamento próprio.

“Eu fiquei roxa, mas não foi muito, só esse do olho, que não tá saindo, tô usando bastante base para disfarçar. Ele me machucou, ele não queria me deixar sair da

¹ Psicanalista, membro titular da SBPdePA.

casa dele, porque ele tava com medo que eu denunciasse ele; a mãe dele teve que intervir, ela falou com ele, ela convenceu ele a me deixar sair, a ir, porque ele também tava lá com o filho dele, de 4 anos, e acho que o filho viu, sei lá”.

Lúcia conta que Carlos tem um filho de 4 anos de um dos seus relacionamentos anteriores e que às vezes o menino fica com ele e com a avó paterna. Diz também que Carlos estava com muito ciúmes, pois, pouco antes do início da pandemia, Lúcia tinha viajado a trabalho e ele criou uma fantasia de que ela estava viajando com alguém. Ele exigiu que ela apagasse as redes sociais, que apagasse a agenda do telefone e que revelasse com quem estaria saindo. Lúcia pediu para ir embora e Carlos a golpeou e a trancou no quarto. Voltou tempos depois, eles discutiram novamente e ele deu socos e chutes nela. Chorando, ele disse que a amava, por isso estava com muito medo de perdê-la. Quando questionada se essa teria sido a primeira vez, ela respondeu que ele já havia batido nela outras vezes e que “tinha sido muito pior”, mas que ela também batia nele. Depois de três dias, conseguiu sair da casa de Carlos, mas ficou muito preocupada com as ameaças que ele acabou fazendo a seus pais e irmãos: “vou matar todos eles”. Ela relata e me mostra pelos braços os hematomas. Fala das dores que sente pelo corpo, mesmo já tendo se passado mais de uma semana do fato, conta como ele tentou sufocá-la. Diz que o que a manteve ligada foi a questão sexual, pois descobriu um prazer com ele que não tinha vivido com ninguém.

Ela iniciou sua vida sexual com um namorado aos 19 anos, namoro que durou três anos e que acabou porque João a traiu. Com a decepção amorosa, resolveu frequentar a igreja evangélica e “entregar-se a Deus”, não tendo mais transado com ninguém. Pensou que até poderia encontrar alguém na igreja, mas manteve-se “casta”, seguindo os “mandamentos de Deus”, por dez anos.

Aos 32 anos, viu-se decepcionada com a igreja e com sua vida afetiva. Tinha se formado em administração, tinha um ótimo emprego e já tinha conquistado carro e casa própria. Deixou de frequentar a igreja e entrou em um aplicativo de relacionamentos, onde conheceu Carlos.

“O sexo sempre foi muito quente, muito bom”. Coloca que Carlos é muito diferente dela, com 40 anos, sem profissão definida e desempregado, cumpriu dois anos de prisão por tentativa de assalto, tendo se envolvido em brigas na prisão. *“Eu não pensava em ter filhos com ele, morar com ele, mas era muito o sexo. Sempre a gente brigou e ficou separado algumas vezes, mas ele sempre me procurava e eu voltava. Mas agora não posso, né, porque ele ameaçou minha família”.* Também relata:

“Tem mais, quando eu fiz a denúncia, eu descobri que ele tem um processo por agressão da ex-mulher. Eu tenho medo do que ele pode fazer com minha família.”

Eles não sabem tudo o que aconteceu, não consegui contar. Mas, não foi só isso, ele me chamava de gorda, de feia, que se eu terminasse com ele não ia achar ninguém, sempre me desvalorizando.”

Diz que os pais sempre foram bons para ela, a mãe quer saber de tudo que acontece e o pai é mais quieto:

“Minha família não é assim, nunca vi isso em casa, de agressão. Quando eu era pequena, eu apanhava muito, qualquer coisa eu apanhava. O meu pai dava uma vez só, a mãe que enchia de tapa. Mas eles tinham razão, batiam para eu aprender, sabe?”

Algumas considerações

Recentemente, vimos os números relativos à violência contra a mulher aumentarem em razão do confinamento de mulheres com parceiros agressivos, que exercem sobre elas maior controle frente à maior sensação de impunidade provocada pelo próprio isolamento. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (Bueno et al., 2020) apontam que tivemos um aumento de 22% nos registros de feminicídio no Brasil ainda nos primeiros meses de pandemia, equivalendo aos meses de março e abril de 2020.

Lúcia não é somente mais um número, mas uma mulher com sua história e suas vivências e que se vê exposta frente à violência. Isso nos causa sentimentos estranhos, talvez de perplexidade e indignação, que ela própria não aparenta ter, pois se os tivesse talvez conseguisse romper com essa relação repleta de abusos psicológicos e físicos. Ela não conseguiu separar-se mesmo correndo grandes riscos de vida; descreve as situações vividas sem um afeto correspondente, parecendo relatar dados e fatos como se não fossem acontecimentos próprios, usando de extrema negação da agressividade tanto do outro quanto de si mesma, denotando não se perceber na relação. Carlos é uma parte sua, parte da agressividade que ela mesma projeta. Lúcia parece ter a violência naturalizada em sua vida, mesmo afirmando não ter tido outras relações assim. Na verdade, viveu precocemente a violência no âmbito familiar. A frustração vivida nas primeiras relações objetais (repetidas no relacionamento com Carlos), levaram Lúcia para a igreja, para a negação da sexualidade, em busca de uma relação de completude, onipotente e narcísica, vivendo uma nova frustração, dessa vez com Deus – um pai que não lhe deu tudo. Volta ao que há de mais primitivo, o erótico e o agressivo, encontrando prazer na dor. Dor, na verdade, com a qual não se conecta, o que revela a pobreza de contato que estabelece com seu mundo interno, onde a violência perpassa a família, justificada pela própria paciente

como algo corretivo, pois ela precisava aprender a ser uma “boa menina”. Em outras palavras, “te bato porque te amo”, porque “quero que te eduques”. E “não quero te perder” serve como discurso que sustenta todo ato agressivo.

Sabemos que o sujeito se constitui através do olhar do outro, inicialmente através do olhar da mãe. Então, será a mulher-mãe que autorizará a existência de um outro ser, que pode ou não nos oferecer sua segurança e *holding* apesar de nossa indefesa primordial; a mãe é o poder e é aquela que tanto pode dar a vida quanto a morte. Morte, no caso de Lúcia, associada à agressividade vivida desde sua infância, que se justifica na correção de seu comportamento. Se Lúcia internalizou que precisava apanhar para aprender, segue apanhando porque não se tornou obediente, lembrando que não se sentir desejada e amada pelos pais é uma das experiências mais devastadoras que um indivíduo pode ter.

Juan Vives (2020) afirma que o agressor poderá desenvolver-se a partir do Édipo negativo, frente à impossibilidade de amar o pai e identificar-se adequadamente com este, comprometendo assim o estabelecimento de uma eleição adequada de objeto, impondo um repúdio à figura feminina vivida como ameaçadora; assim a masculinidade tóxica é uma formação reativa, uma defesa em um sujeito que não pode se constituir como homem e elege uma caricatura como sua face. Isso é o que podemos pensar de Carlos.

Para Reyes e Berlin (2014), tanto o feminino quanto o masculino se transmitem através das relações com os pais e com os outros da cultura, que depois vão constituir o ideal do ego; esse ideal contém identificações transmitidas de geração em geração, sendo que são essas identificações que criam a representação de si mesmo e geram comportamentos e valores. Ressaltam também que a menina aprende a ser passiva e dependente com a mãe, projetando sobre o homem a agressividade.

Em Lúcia, estamos no campo da intolerância ao feminino, entendido aqui como o ato que causa não só dano psicológico, mas também físico, com atos de privação que geram uma subordinação ao agressor. Estamos no campo da feminilidade primária, entendida aqui como aquela que se desenvolve na menina desde o nascimento.

Aslan (2002) destaca que o processo como um todo começa muito antes, nos pais e na própria família, que estão imersos num universo cultural e ideológico onde o ego irá se estruturar a partir de suas experiências internas e externas, constituindo as identificações primárias. As identificações primárias, as introjeções e as identificações secundárias seriam os componentes da estruturação do ego e do ideal de ego, constituindo um sentimento de si mesmo. São estruturas psíquicas complexas, sendo através delas que a mãe e o ambiente

transmitem à menina os padrões da feminilidade, bem como os valores da sociedade sobre o que é ser mulher e, em particular, seu valor e posição sociais.

Temos que lembrar que tudo que era da ordem do crime passional agora se aborda a partir de outras significações, nas quais a violência de gênero adquire outras representações, inclusive revelando as relações de poder entre os gêneros. É o poder do patriarcado que pressupõe controlar e educar as mulheres e as crianças (Fiorini, 2002).

Fiorini (2002) destaca também que nessas situações é tanto insuficiente quanto perigoso atribuir só a um gozo masoquista o que ocorre com essas mulheres como Lúcia, sendo necessário pensar em um cruzamento entre os mandatos de gênero, culturais e discursivos e seus efeitos e as eventuais condições sadomasoquistas de cada um. A violência de gênero se perpetua através da transmissão intergeracional. Podemos, aqui, também nos utilizar do conceito de projeto identificatório de Piera Aulagnier, como cita Fiorini, o que nos permitiria entender essas transmissões de diferença de gênero e seus estereótipos e crenças, entre outros.

Lúcia segue identificada com o que lhe foi transmitido, repetindo uma violência, sem espaço para pensar seus desejos, suas crenças e suas vivências.

Alkolombre e Ponce de León (2019) citam Alizade ao dizer que a anatomia e a cultura fazem destino, sendo que a educação desvalorizada das meninas, se bloquear a externalização da agressividade, promove um futuro no qual essas mulheres se vinculem com homens de potencial violento e acabem sucumbindo ao dano vincular (Alizade como citado em Alkolombre & Ponce de León, 2019).

Considerações finais

Entendemos que a violência de gênero ultrapassa as motivações inconscientes das mulheres envolvidas para além dos aspectos sadomasoquistas. A violência de gênero implica a compreensão e a interrelação dos aspectos intrapsíquicos, culturais, sociais e transgeracionais.

Se na vida da menina é esperado que ela seja obediente e corresponda a padrões, na adolescência e na vida adulta esses aspectos se perpetuarão, podendo ela seguir se submetendo a uma ordem perversa e violenta, de sua própria família e/ou de um companheiro.

Romano (2019), ao referir-se à problemática da violência, considera que quando o ambiente familiar é capaz de estabelecer um sentimento de confiança pode estabelecer boas bases de vínculos amorosos e seguros, ao passo que se esse

ambiente falha por omissão, ausência, presença intrusiva, entre outros, não se constituem adequadamente os laços sociais e os vínculos amorosos.

O processo analítico e a possibilidade de conexão com todos esses aspectos são o que poderão levar a mulher que sofre violência a repensar sua condição e posição e, com isso, estabelecer relações mais igualitárias e saudáveis.

“I hit you because I love you” – about violence against women

Abstract: The pandemic that rages us has denounced something that has long been known: gender violence. We are facing an increase in the number of cases of violence against women, including many cases of femicide. This violence is not only the result of sadomasochistic aspects, but the combination of intrapsychic, transgenerational, cultural and social factors. Through a clinical report of a patient who experienced a situation of violence and supported by contemporary psychoanalytic theory, we seek to understand these increasingly common phenomena in our society.

Keywords: Femicide. Pandemic. Psychoanalysis. Violence against women.

Referências

Alkolombre, P., & Ponce de León, E. (Orgs.). (2019). *Violencias y subjetividad: Género, infancia y sociedad*. Buenos Aires: Letra Viva.

Aslan, C. M. (2002). A feminilidade primária. In A. M. Alizade (Org.), H. Pedreira (Trad.), *Cenários femininos: Diálogos e controvérsias* (pp. 91-98). Rio de Janeiro: Imago.

Bueno, S., Martins, J., Sérgio de Lima, R., Sobral, I., Pimentel, A., Franco, B., Marques, D., & Nascimento, T. (2020). *Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19*. Brasília: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>.

Fiorini, L. G. (2002). O enigma da diferença. In A. M. Alizade (Org.), H. Pedreira (Trad.), *Cenários Femininos: Diálogos e controvérsias* (pp. 99-106). Rio de Janeiro: Imago.

Reyes, N., & Berlin, D. (Eds.). (2014). *Intolerancia a lo femenino*. Aguascalientes: Architectum Plus.

Romano, A. (2019). Representaciones parentales frente a la violencia e la inseguridad social In P. Alkolombre, & E. Ponce de León (Orgs.), *Violencia y subjetividad: Género, infancia y sociedad*. Buenos Aires: Letra Viva.

Vives, J. (2020, abril). La violencia en los hombres. In *XIV Diálogo latinoamericano intergeneracional entre hombres y mujeres*. COWAP, Cidade do México.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 16/09/2020

Aceito em: 19/10/2020

Renata Viola Vives
Rua Landel de Moura, 370
91920-150 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: renatavives@gmail.com